

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Auxiliadora Aparecida Fernandes

**AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: um olhar a partir da psicologia
fenomenológico existencial**

Belo Horizonte

2025

Auxiliadora Aparecida Fernandes

**AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: um olhar a partir da psicologia
fenomenológico existencial**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt – Terapia e Análise Existencial, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Professora Dra. Maria Madalena Magnabosco

Belo Horizonte

2025

150 Fernandes, Auxiliadora Aparecida.
F363a Automutilação na adolescência [recurso eletrônico] : um olhar
2025 a partir da psicologia fenomenológico existencial / Auxiliadora
Aparecida Fernandes. - 2025.
1 recurso online (22 f.): pdf.
Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.
Coorientadora: Saleth Salles Horta.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestal- Terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Comportamento autodestrutivo. 2. Ferimentos lesões –
Aspectos psicológicos . 3. Adolescência. 4.Existencialismo .
5.Psicologia fenomenológica. I. Magnabosco, Maria Madalena.
II.Horta, Saleth Salles . III.Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: UM OLHAR A PARTIR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO
EXISTENCIAL

AUXILIADORA APARECIDA FERNANDES

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientadora

FAFICH/UFMG

Saleth Salles Horta

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 10 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**, **Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 10/07/2025, às 13:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4370805** e o código CRC **1D625457**.

Dedico este trabalho, a Deus que tem me guiado até aqui;

À minha mãe, exemplo dedicação e resiliência;

Aos Professores que dedicaram para tornar esta especialização uma experiência única;

Aos meus novos colegas que compartilham comigo do desejo de fazer da psicologia o melhor fenômeno diante das pessoas.

“Todo caminho da gente é resvaloso.
Mas; também, cair não prejudica demais –
a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! (...) O correr da
vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e
daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
O que Deus quer é ver a gente aprendendo a
ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda
mais alegre ainda no meio da tristeza!”
– Grande Sertão Veredas (Rosa, 1956)

RESUMO

A automutilação tem se manifestado como um fenômeno recorrente entre adolescentes, gerando crescente preocupação em pais e profissionais dedicados ao cuidado e à proteção social desse público. Reconhecer a adolescência como uma fase singular da vida, permeada por desafios e potencialidades, é o primeiro passo para fortalecer práticas de escuta e intervenção que acolham esses jovens e os auxiliem a ressignificar sua existência. Nesse sentido, a psicologia fenomenológico-existencial pode oferecer valiosas perspectivas para que os adolescentes vivenciem essa etapa de forma mais positiva. Por isso, torna-se essencial olhar para a adolescência e compreendê-la na singularidade de cada sujeito e nas complexas relações sociais que estabelecem, as quais influenciarão diretamente a construção de sua subjetividade e suas formas de ser-no-mundo tanto na adolescência quanto na vida adulta.

Palavras-chave: Automutilação; Adolescente; Psicologia; Fenomenológico; Existencial.

ABSTRACT

Self-harm has been observed as a recurring phenomenon among adolescents, a fact that has been concerning parents and professionals working in the care and social protection of this population. We need to understand adolescence as a special phase of life, with its challenges and possibilities, to thus strengthen listening and intervention practices that welcome these individuals and help them to give new meaning to their existence. In this way, existential phenomenological psychology can offer possibilities for adolescents to experience this phase of life in a positive way. Therefore, it is important to look at adolescence and understand it in the singularity of the individuals and in the social relationships that are established and that will directly influence the construction of subjectivity and the ways of being-in-the-world in adolescence and in adulthood.

Keywords: Self-harm; Adolescent; Psychology; Phenomenological; Existential.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO	12
3.1 Abordagem Fenomenologia Existencial	12
3.2 Adolescência	14
3.3 Automutilação	16
3.4 A perspectiva fenomenológica existencial da automutilação	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

O trabalho do psicólogo na escola soma-se a outras ações estratégicas voltadas à melhoria da convivência e da segurança no ambiente escolar, com o objetivo de promover relacionamentos saudáveis e, conseqüentemente, favorecer o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Observa-se que diversos elementos da conjuntura social e cultural influenciam diretamente a dinâmica das relações humanas dentro da escola, tais como conflitos familiares, violência urbana, desemprego dos pais e vulnerabilidade social. Em alguns casos, esses fatores se manifestam por meio da infrequência escolar, conflitos entre estudantes e, em outros, por comportamentos como a automutilação.

O contexto de observação e o interesse pelo tema surgiram a partir de um trabalho vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, no contexto educacional. Trata-se de um projeto emergencial voltado ao diagnóstico e à intervenção multiprofissional para atendimento das demandas dos estudantes, com vistas ao desenvolvimento integral de crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Considerando o recorte do projeto, que se refere as adolescentes do sexo feminino, faz-se importante destacar algumas especificidades dessa fase da vida: desenvolvimento físico, psicológico e sexual, além das pressões sociais, que parecem impactar determinadas vivências.

A abordagem fenomenológica existencial será a perspectiva teórica adotada para investigar essa maneira de estar-no-mundo das adolescentes que se automutilam, bem como para a compreensão de como esse fenômeno se presentifica.

2 METODOLOGIA

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a metodologia se fundamenta na aplicação de procedimentos e técnicas essenciais para a construção do conhecimento, visando comprovar sua validade e utilidade em diversos contextos sociais. Em essência, o método representa os procedimentos ou caminhos para alcançar um determinado fim, sendo o método científico o procedimento específico utilizado pela ciência na busca por conhecimento através da pesquisa científica (Prodanov & Freitas, 2013).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adota-se o método científico, compreendido como um conjunto de processos ou operações mentais empregadas na investigação e a linha de raciocínio que guia o processo de pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013). Ou seja, a pesquisa científica busca conhecer de forma sistemática um ou mais aspectos de um determinado assunto.

Para abordar a problemática central, será utilizada a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de revistas, publicações periódicas e artigos que abordam o tema da automutilação, com objetivos descritivos e de aplicação. A escolha da pesquisa qualitativa se justifica por considerar a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, focando no significado e no processo (Prodanov & Freitas, 2013).

A pesquisa descritiva é frequentemente empregada por pesquisadores sociais com foco na atuação prática, portanto a natureza da pesquisa aplicada alinha-se ao objetivo de gerar conhecimentos que possam instrumentalizar a prática e contribuir para a resolução de problemas sociais. Neste sentido, espera-se que o produto final desta pesquisa contribua para o avanço do conhecimento sobre o fenômeno da automutilação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Abordagem Fenomenologia Existencial

No âmbito dos estudos fenomenológicos, destaca-se a significativa contribuição das pesquisas de Martin Heidegger. Partindo dos conhecimentos de Husserl, Heidegger concebeu o ser humano como *Dasein* (ser-aí), desenvolvendo a partir dessa noção um conteúdo ontológico denominado *Daseinsanalytic*, que se refere ao estudo da ciência Analítica Existencial (Camon, 1985).

Para Moreira (2010), a *Daseinsanalytic* é o termo utilizado por Heidegger para designar o modo de ser do homem, buscando uma compreensão existencial deste. Nessa perspectiva, essa ciência se fundamenta na problemática do ser, investigando a experiência humana e buscando a libertação de seus aprisionamentos na vivência interna.

Assim, a metodologia fenomenológica é aplicada com o objetivo de colocar o *Dasein* como protagonista de seu próprio mundo. Ao interpretar e compreender como o ser vivencia sua realidade, ampliam-se suas possibilidades e escolhas, impulsionando-o. Sob essa ótica, a *Daseinsanalytic* emerge como um espaço para a retomada da própria essência pelo indivíduo, considerando a existência de infinitas possibilidades.

As estruturas existenciais fundamentam a essência do *Dasein*, dependendo da condição humana para se manifestarem e correspondendo à abertura para o mundo e para o sentido do próprio ser. Nota-se, portanto, que Heidegger, ao incorporar os conceitos que fundamentam a *Daseinsanalytic* em seus estudos sobre a fenomenologia, promove um novo posicionamento em relação aos estudos de Husserl, substituindo o conceito de consciência pelo de *Dasein* (Moreira, 2010).

Para Heidegger, o *Dasein* (ser-aí) é um ser de abertura, lançado no mundo em uma condição existencial preexistente. *Dasein* e mundo constituem uma mesma realidade, denominada por ele ser-no-mundo. Como ser-no-mundo, o *Dasein* é um ser de possibilidades, que se constitui no mundo em um constante vir-a-ser, projetando-se em possibilidades que integram seu próprio ser, mantendo, assim, uma relação contínua consigo mesmo e com o mundo que o circunda (Moreira, 2010).

O modo próprio de ser implica tornar-se o que se é em uma relação íntima com o próprio ser. Concomitantemente, envolve uma relação de ser com aquilo que já se é, compreendendo a própria identidade e abrindo-se para o que se está tornando. O ser é o movimento de realização de possibilidades futuras, caracterizando-se como um ser temporal que, em sua essência, se revela como projeto e possibilidade (Braga & Farinha, 2017).

Heidegger compreende a existência a partir das relações que se estabelecem a cada momento com o mundo ao longo da trajetória existencial, uma trajetória que caminha para a finitude, à medida que o sujeito se aproxima da morte. Para uma melhor compreensão do existir enquanto dimensão fundante do ser-no-mundo.

Em sua obra "Ser e Tempo" (1989), Heidegger realiza uma análise existencial dos elementos que constituem a estrutura do ser-aí do *Dasein*, a partir das dimensões ôntica e ontológica. O "ôntico" refere-se ao ente, ao que é superficial e do senso comum. Em contraste, o "ontológico" diz respeito ao ser, enfocando o que está além dos fenômenos e externalizando as estruturas existenciais que compõem o ser.

Moreira (2010) afirma que as estruturas existenciais são formadas pela temporalidade, espacialidade, o ser-com-o-outro, a disposição, a compreensão, o cuidado, a queda e o ser-para-a-morte. Dessa forma, torna-se possível analisar a adolescência em sua singularidade e nas relações sociais estabelecidas, as quais influenciarão diretamente a construção da subjetividade e das formas de ser-no-mundo tanto na adolescência quanto na fase adulta.

3.2 Adolescência

Compreender a adolescência é fundamental para analisar o fenômeno da automutilação nesse período do desenvolvimento humano. Essa etapa da vida é marcada por intensas transformações corporais, familiares e sociais, sendo conceituada de diversas maneiras pelos estudiosos.

Bock (2007) descreve a adolescência como uma moratória, “uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade” (p. 64). Para a autora, este período entre a infância e a vida adulta é crucial para que os indivíduos se descubram se diferenciem dos outros e formem sua subjetividade e identidade. Envolve a escolha de grupos por afinidade, a vivência de fantasias, o questionamento de crenças, o desenvolvimento da sexualidade e a presença de contradições aparentemente típicas dessa fase.

Bock também ressalta o progressivo distanciamento dos pais, marcado pelas flutuações no estado de humor e ânimo. Além disso, há influência da cultura, que frequentemente pressiona o adolescente a “amadurecer” e a se ajustar ao papel adulto. A autora destaca “a visão de que o homem é dotado de uma natureza, dada a ele pela espécie e, conforme cresce se desenvolve e se relaciona com o meio, atualizando características que já estão lá, pois são de sua natureza”. (Bock, 2007, p. 64).

Além disso, Bock apresenta estudos que conceituam a adolescência como uma fase de desenvolvimento evolutivo, na qual a criança gradualmente se torna adulta, influenciada por condições ambientais e pessoais, numa interação psicossocial que molda a história individual e culmina no desenvolvimento cognitivo e na puberdade. Içami Tiba (1985), citado por Bock (2007, p. 65), define a adolescência

como uma fase do desenvolvimento não estabilizada por tempo de duração, mas que sempre tem início após a puberdade, e nada mais são do que a maturação filogeneticamente programada do aparelho reprodutor. A adolescência seria uma fase de reestruturação do “núcleo do eu”, quando as estruturas psíquicas/corporais, familiares e comunitárias sofrem mudanças conflitantes. (Tiba, 1985, apud Bock, 2007, p. 65)

Essa definição, embora apresente uma visão biologicista da maturação sexual, o que torna os sujeitos prontos para a procriação, também considera o desenvolvimento das estruturas físicas e psíquicas, que influenciarão as futuras relações sociais e familiares.

Simonelli (2017) observa que a palavra adolescência deriva do latim *adulescens*, que significa crescer. Segundo o autor, no *adolescens*, os sujeitos enfrentam desafios e conflitos importantes para a formação da autonomia e da capacidade de autodeterminação. Nesta etapa, embora aptos para a procriação e para a produção social, preparando-se para o mundo do trabalho, os adolescentes recebem tratamento ambíguo, ora como crianças, ora como adultos. Esse status indefinido pode contribuir para conflitos intergeracionais.

O autor também aponta que o sistema capitalista espera que esse público componha uma mão de obra qualificada, adicionando mais um fator de incertezas, dúvidas e dificuldades típicas dessa fase. Simonelli (2017) defende uma ampliação da noção de adolescência para além do biológico, integrando dimensões intelectuais, sociais, culturais, históricas e biológicas.

Erikson (1968/1975), apud Simonelli (2017):

Compreende especificamente a adolescência como uma fase de desenvolvimento que envolve uma moratória, confusão de papéis e dificuldades de estabelecer uma identidade própria, porém, a descreve também como um período de possibilidades, oportunidades, escolhas e realizações. É nesse contexto que se consolida a personalidade, os próprios valores e o projeto de vida. (p. 18)

Para Simonelli (2017), essa é uma fase especial de vida e de processo de desenvolvimento, considerada essencial para a identidade e o bem-estar individual, sendo a superação da crise fundamental para o estabelecimento de um projeto de vida bem-sucedido.

A psicologia fenomenológica existencial oferece outra perspectiva, permitindo compreender a adolescência como um fenômeno que se manifesta no desenvolvimento humano, um período existencial de possibilidades para a instalação do si mesmo, um ser psiquicamente vivo (Frota, 2006). Nesse sentido, todos os fenômenos, sadios ou não, mantêm uma estreita ligação com o crescimento e o amadurecimento.

Para Frota (2006), o amadurecimento humano é uma conquista contínua para manter o ser, e a saúde reside nessa linha de conquista. Dois fatores são importantes nesse processo: a tendência inato ao amadurecimento, que envolve a constituição de um si mesmo integrado, e a existência de um ambiente que possibilite e facilite esse desenvolvimento. Um ambiente de incertezas pode levar a sofrimento, depressão ou perda do sentido da vida, e a falta de reconhecimento do outro traz diversas implicações para a construção de possibilidades de estar no mundo, ser com o outro e consigo mesmo (Frota, 2006).

Diante das complexas transformações e desafios da adolescência, a automutilação pode emergir como um fenômeno multicausal, um sinal de que certas necessidades do adolescente não estão sendo atendidas ou uma forma de comunicar um sofrimento insuportável.

A seguir, discorreremos sobre o fenômeno da mutilação, autolesão sem intenção de causar a morte, um sinal de sofrimento comumente observado no ambiente escolar e que gera grande preocupação, especialmente pelo aparente silêncio e apatia que acompanham esses adolescentes. Compreender a adolescência torna-se, portanto, crucial para entender esse fenômeno e, assim, auxiliar os adolescentes a atravessar essa etapa e ressignificar suas possibilidades para o futuro.

3.3 Automutilação

A automutilação tem se manifestado como uma prática preocupante e comum entre adolescentes, sendo observada com certa recorrência no ambiente escolar. É importante notar que, na maioria dos casos, os pedidos de ajuda não partem dos próprios adolescentes, mas sim de professores, colegas, pais e responsáveis.

Estudos como o de Souza e Kaitel (2023) descrevem a automutilação como um conjunto de atos autolesivos que incluem cortes, queimaduras, agressões ao próprio corpo, interferências na cicatrização de feridas e quebra de ossos. Esses indivíduos frequentemente escolhem partes do corpo que podem ser facilmente escondidas por roupas e acessórios (Souza & Kaitel, 2023). Conforme apontam Epiphanyo e Guimarães (2023), esses atos lesivos ocorrem sem a intenção de suicídio, mas com o objetivo de causar dano corporal de baixa letalidade, embora também sejam socialmente inaceitáveis.

Pesquisas indicam que vivências como bullying no contexto escolar, conflitos familiares, violência sexual, abandono, negligência e dificuldades de relacionamento, além de baixa autoestima, são comuns na vida desses jovens. Diante da dificuldade ou impossibilidade de expressar suas emoções, a automutilação emerge como uma forma de comunicação de um sofrimento interno (Epiphany & Guimarães, 2023). Diversas pesquisas também constataram a presença de sentimentos relacionados à dificuldade em lidar com a frustração e com a raiva (Souza & Kaitel, 2023).

A prática da automutilação está fortemente relacionada à vivência de intensa dor emocional (Souza & Kaitel, 2023), sinalizando a interação entre vulnerabilidades sociais e intrapessoais e dificuldades emocionais que limitam as possibilidades de enfrentamento. Nesse contexto, grupos de internet podem se tornar espaços de identificação, como apontam Souza e Kaitel (2023):

atos autolesivos divulgados na internet têm estimulado adolescentes com sintomas depressivos a repetirem este comportamento, uma vez que ocorre a identificação com praticantes do ato, propiciada pela observação das fotos e leituras dos relatos expostos nas redes sociais. (Souza & Kaitel, 2023, p. 40).

Nesses espaços virtuais, os adolescentes compartilham experiências e confidências, influenciando-se mutuamente e, frequentemente, afastando-se ainda mais do contato com outras pessoas em seu entorno. Eles enfrentam questões para as quais ainda não desenvolveram a capacidade de lidar sozinhos, e a automutilação pode ser compreendida como uma retroflexão – um comportamento em que a energia do indivíduo se volta contra o próprio corpo, causando lesões.

3.4 A perspectiva fenomenológica existencial da automutilação

Estudos revelam que adolescentes que praticam automutilação frequentemente desconhecem outras formas de expressar sua dor emocional e comunicar suas vivências (Souza & Kaitel, 2023). Embora cada indivíduo vivencie essa fase de maneira única, há uma convergência no sentido de que todos estão atravessando a adolescência, com suas significativas e típicas mudanças.

O preconceito e a exclusão por parte dos colegas emergem como experiências recorrentes, assim como os conflitos familiares, que também atuam

como gatilhos para a autolesão. Esses jovens frequentemente carecem de escuta e compreensão por parte de amigos e familiares. Epiphanio e Guimarães (2023) demonstram em sua pesquisa a profundidade do sofrimento na história pregressa dos adolescentes que praticam automutilação:

As memórias infantis dos participantes do grupo, sugerem grande sofrimento, revelando marcas de crueldade nas experiências de jovens abusados sexualmente na infância (80% dos participantes relataram essa experiência). São memórias de crianças feridas e assustadas, tendo que calar seus gritos de pânico diante do medo das ameaças feitas por adultos abusadores (...). (Epiphanio & Guimarães, 2023, p. 21)

É fundamental reconhecer que a adolescência carrega consigo toda a bagagem da infância. Experiências de sofrimento, como ser vítima de abuso sexual e ter que silenciar o medo diante de ameaças de adultos que deveriam proteger, deixam profundas feridas emocionais. Os autores supracitados também observam que a autoestima fragilizada, as dificuldades em lidar com o próprio corpo e a autoimagem, bem como relações conflituosas com os pais, são elementos presentes nos relatos dos casos estudados. Afinal, a vivência de uma intensa dor emocional está diretamente ligada à prática da automutilação; diante de sentimentos negativos e da falta de outras estratégias de enfrentamento, os indivíduos recorrem à autolesão como uma forma de lidar com essa dor (Souza & Kaitel, 2023).

Em uma perspectiva existencial, a automutilação pode ser compreendida como uma tentativa de fuga da massificação, uma forma de se diferenciar e provocar uma "marca autoral", distinguindo-se dos demais (Souza & Kaitel, 2023). O adolescente experimenta uma angústia ao se deparar com uma existência que percebe como inautêntica em relação ao seu corpo e suas emoções. Contudo, essa angústia pode representar uma oportunidade para o sujeito reavaliar sua existência. Como apontam Souza e Kaitel (2023), "a angústia é polissêmica" – ou seja, abrange tanto o sentido da angústia existencial, associada à nossa condição humana de finitude, quanto, quando ligada à apatia e ao tédio, o vazio existencial.

A condição humana de finitude se relaciona com a inserção do ser humano em uma cultura que frequentemente busca moldar seus membros a padrões preexistentes. Se os indivíduos conseguem se desenvolver e, mesmo diante da pressão social, alcançar protagonismo e autonomia, vivenciam a autenticidade. Em

contraste, o vazio existencial se configura como o pano de fundo do adoecimento existencial, manifestando-se como uma estranheza em relação a si mesmo e ao mundo, um sentimento de total desamparo e a convicção de não ser importante.

Mediante tais contextos, os adolescentes expressam uma dificuldade nas relações com as estruturas existenciais do corpo, do tempo, da angústia, da compreensão e inserem-se na historicidade sem a reflexão necessária à construção de um sentido que lhes oriente para a construção de uma existência mais autêntica. Esses são alguns motivos que sustentam o estranhamento em relação a si e o sentimento de desamparo que os levam a buscar a automutilação como uma dor que desvele uma presença de si no mundo, mesmo que ainda se apresente em um processo de uma autolesão imposta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automutilação se revela como uma forma de expressão do ser, um modo pelo qual o sujeito comunica sua dor e manifesta sua maneira de estar no mundo.

Considerando as observações desta pesquisa, não se identifica uma explicação única ou um diagnóstico isolado que possa direcionar um tratamento ou cura definitivos. Portanto, torna-se imperativa a criação de um espaço ampliado para a expressão do ser, um ambiente onde seja permitido externalizar as angústias, os sofrimentos e os conflitos ocultos por trás do silêncio que ousa surgir na forma de cortes na pele.

Cada adolescente que se automutila busca comunicar algo. Urge a necessidade de um espaço humanizado e seguro que promova encontros genuínos e possibilite o desvelamento dessa vivência. Um espaço que considere cada indivíduo em sua realidade singular e profunda, a fim de descobrir as condições que levam à autolesão como meio de expressão.

Diante desse conjunto de ideias, constata-se que a automutilação é um fenômeno multifatorial que exige uma compreensão ampla e aprofundada, a partir da contextualização de como o meio social tem facilitado ou dificultado o desenvolvimento dos sujeitos. É crucial atentar para os diversos contextos sociais que negligenciam as particularidades da adolescência e para a dimensão relacional que pode potencializar modos de existir disruptivos, com possíveis impactos no vir a ser e na vida adulta.

A fenomenologia, enquanto método de investigação das questões humanas, busca compreender o fenômeno a partir da experiência situada em um mundo vivido e em contextos relacionais. No caso da automutilação, essa abordagem permite explorar os diversos âmbitos da vida do adolescente e a falta de recursos emocionais para lidar com essa dinâmica complexa.

Um olhar a partir da psicologia fenomenológico existencial deve ofertar um espaço para que este sujeito que sofre com a automutilação consiga falar de si. É importante as vivências encontrem lugar na palavra em um espaço terapêutico e resignificação de sua história. É a partir da palavra e da quebra do silêncio que se abre para as possibilidades de ampliação da consciência, de que não há sentido para a culpa, para vergonha e muito menos para tentar aliviar uma dor, causando

outra dor. A lesão no próprio corpo aparece como a expressão de uma angústia que não cabe mais em si.

A psicologia deve ofertar espaços de escuta individuais e em grupos para que os adolescentes possam elaborar suas angústias e conflitos internos causados pelas situações de vulnerabilidades vivenciadas e assim construir novos significados para a vida e para as relações com o fortalecimento da autoestima e autovalorização.

Os adolescentes esperam que os adultos tenham uma atitude acolhedora, empática e sem julgamentos. Ele não quem ser interrogados e sim acolhidos e escutados. Eles precisam de ajuda para compreender o que está acontecendo no presente e criar outros espaços de expressão e comunicação e a ampliação das possibilidades de vivenciar essa fase especial de vida que é a adolescência com uma existência autêntica.

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 11, n. 1, pp. 63-76, 2007. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>
- BRAGA, Tatiana B. M.; FARINHA, Marciana G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt.**, v. 23, n. 1, pp. 65-73, 2017. Tecuperado de: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/raq/v23n1/v23n1a08.pdf>
- CAMON, Waldemar A. **Psicoterapia Existencial**. São Paulo: Traço, 1985.
- EPIPHANIO, Erika H.; GUIMARÃES, Silvio G. L. Quando a existência faz o corte: compreensões sobre aspectos relacionais no comportamento autodestrutivo. **Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco**, v. 13, n. 32, 2023. Recuperado de: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2436>
- FROTA, Ana M. A reinstalação do si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 58, n. 2, 2006. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017510006>
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOREIRA, Virginia. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 4, pp. 723-731, 2010. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pe/a/xYbScCTJrv7hd7RXKsDsrBF>
- PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SIMONELLI, Carlos E. **A vivência da ambiguidade: um estudo fenomenológico da adolescência**. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) – PUC-CAMPINAS, Campinas, 2017.
- SOUZA, Samantha A. P.; KAITEL, Alexandre F. S. A prática da automutilação entre adolescentes sob a Perspectiva da Psicologia Existencial. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 7, n. 14, p. 35-54, 2023. Recuperado de: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/25830>.
- ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. São Paulo: José Olympio, 1956.